

# 1

## Introdução

Toda família tem seus segredos, tendo estes uma dimensão importante em termos da preservação da privacidade e da autonomia. Entretanto, no atendimento psicoterápico de algumas famílias, observamos que determinados segredos assumem uma função central, enredando seus membros em alianças inconscientes e pactos denegativos. Tal situação favorece o surgimento, na família, de angústias muito primitivas como as de aniquilamento e fantasias específicas relacionadas aos seus efeitos, a sua manutenção e à possível descoberta, fontes de muito sofrimento.

Nesse contexto, uma questão que se impõe ao terapeuta que trabalha com essas famílias é o fato de haver ressonâncias dos segredos na contratransferência: o terapeuta pode ficar às voltas com as mais variadas sensações, como dor de cabeça, entorpecimento, ansiedade e confusão. Pode também sentir constrangimento em abordar determinados assuntos ou sentir que seu pensamento está sendo atacado, como se perdesse sua capacidade de pensar e de fazer ligações entre os conteúdos mentais. Pode se ver perturbado por eles, e às vezes premido a pactuar com alguns membros da família em detrimento de outros. Às vezes, ele próprio fica confuso, percebendo sua mente esvaziada, afetado em sua própria capacidade de pensar, de saber e de ter curiosidade. Contrastada com tais vivências, observamos também, uma curiosidade detetivesca despertada no terapeuta quando em contato com essas famílias, o que pode comprometer a relação terapêutica e os atendimentos propriamente ditos. Seriam tais fenômenos oriundos do terapeuta, da família ou haveria alguma relação entre o que é produzido nas sessões, o terapeuta e a família atendida?

Ao conjunto de reações inconscientes do analista à transferência do paciente denominou-se de contratransferência (Sandler, 1986; Steiner, 1997; Bokanowski, 2002; Mijolla, 2005). Inicialmente, ela foi considerada uma espécie de resistência do analista provocada por conflitos inconscientes, relacionados ao conteúdo do relato do paciente. Era vista, portanto, como um obstáculo a ser

superado pelo analista através do autoexame (Freud, 1910; Sandler, 1986). Posteriormente, com os trabalhos de Racker (1948) e Heimann (1950), a contratransferência passou a ser entendida como uma importante ferramenta para a compreensão do paciente e para as intervenções do analista. Trata-se de um fenômeno que diz respeito não apenas ao terapeuta ou ao(s) paciente(s) atendido(s), mas à nova grupalidade formada por todos os presentes durante as sessões. Nesse sentido, cabe-nos interrogar como pode o terapeuta compreender esses fenômenos contratransferenciais mobilizados nas situações que envolvem segredos de família e utilizá-los a favor do tratamento?

A escolha do tema dessa dissertação se deu a partir da prática de atendimento a famílias no Hospital Universitário Pedro Ernesto. Esses atendimentos foram realizados durante o curso de especialização em Psicologia Clínico-Institucional modalidade Residência, no qual fazia parte da organização do curso que os alunos optassem por atuar em diversos setores. Dentre os setores oferecidos estão o de Psicodiagnóstico Diferencial e de Terapia Familiar Psicanalítica, que foram fundamentais para o desenvolvimento e discussão das ideias que deram origem a essa dissertação.

Durante os atendimentos de família, observou-se que os segredos promoviam uma série de distorções no processo de comunicação, nas percepções e na própria dinâmica familiar. Do ponto de vista do terapeuta, os segredos de família apresentaram-se como desafios e geraram embaraços durante a atuação terapêutica. Isso se devia não somente ao conteúdo manifesto do que era tratado nas sessões, como por exemplo, as histórias mal contadas e as lacunas no próprio relato, mas também às vivências contratransferências bastante perturbadoras, decorrentes de segredos.

Sendo assim, a proposta desta dissertação surgiu como uma tentativa de aprofundar o conhecimento nessa área ainda obscura e de compreender as possíveis relações entre a contratransferência experimentada durante o atendimento psicoterápico a famílias e os segredos de família nele envolvidos.

Trata-se de um tema relevante na prática clínica, pois além de mobilizar questões delicadas para a família atendida, envolve também o terapeuta por meio

da contratransferência, podendo levar a pactos e alianças que se tornam igualmente secretos na relação terapêutica.

Os objetivos específicos deste trabalho consistem em analisar como os segredos familiares podem ser experimentados/comunicados pela via contratransferencial; identificar as particularidades nos fenômenos contratransferenciais no atendimento às famílias cujas questões centrais associam-se ao segredo; e discutir quais posturas poderiam ser adotadas pelo terapeuta para não estabelecer determinadas alianças com a família atendida e manter fora do tratamento aspectos censurados por ela, e que, no entanto, se mostram fundamentais na sua articulação psicodinâmica.

Visando alcançar os objetivos propostos a presente pesquisa foi desenvolvida em três capítulos. No capítulo II foi feita uma revisão do conceito de contratransferência desde as primeiras conceituações desse fenômeno clínico estabelecidas por Freud (1910), Melaine Klein (1946), Paula Heimann (1950; 1969) e Racker (1948), até a noção de contratransferência familiar (Eiguer, 1995) e contratransferência mítica (Losso, 2001).

No capítulo III abordou-se a literatura psicanalítica sobre os segredos familiares diferenciando os tipos de segredos que são fundamentais, constitutivos do psiquismo e da capacidade de pensar autonomamente, daqueles que são vivenciados com angústia, vergonha e/ou humilhação.

O capítulo IV foi dedicado à articulação propriamente dita entre contratransferência e segredos familiares, e às considerações sobre a técnica envolvida no tratamento dessas situações clínicas.

Nas considerações finais abordou-se a relevância do tema, as dificuldades encontradas durante a construção dessa dissertação e os possíveis desdobramentos que podem ser feitos a partir do trabalho desenvolvido.